

Paratextos cartográficos: enquadramento, escalas e cartuchos nos mapas das terras do Brasil

Cartographic Paratexts: Framing, Scales and Cartouches in Maps of Brazilian Lands

Andréa Doré

Universidade Federal do Paraná,
Departamento de História.
Curitiba, PR, Brasil.

andreadore@ufpr.br
<https://orcid.org/0000-0001-5320-8065>

Resumo: Tendo como fio condutor o enquadramento adotado em mapas produzidos, impressos e copiados em diferentes cidades da Europa, direcionados de forma que o Oeste está no alto e uma linha reta marca os limites do mapa e das terras do Brasil, este artigo explora as relações existentes entre cópias de mapas e paratextualidade. Nos mapas estudados, elementos paracartográficos, como enquadramento, escalas, ilustrações e cartuchos, permitem compreender os objetos em seu contexto de produção e de reprodução e os sentidos que lhe são atribuídos. A análise tem início com o mapa de Giacomo Gastaldi, de 1556, e se conclui com a cópia de um mapa inserido na obra de João José de Santa Tereza, sobre a retomada de Pernambuco pelos portugueses, de 1698.

Palavras-chave: Paratextos na Época Moderna; Cópia de mapas; Paratextos cartográficos.

Abstract: Using the framing adopted in maps produced, printed, and copied in various European cities as a guiding principle—where the West is placed at the top and a straight line marks the boundaries of the map and the lands of Brazil—this article explores the relationship between map copies and paratextuality. In the maps analyzed, paracartographic elements such as framing, scales, illustrations, and cartouches help us understand the objects within their contexts of production and reproduction, as well as the meanings attributed to them. The analysis begins with Giacomo Gastaldi's 1556 map and concludes with a copy of a map included in João José de Santa Tereza's 1698 work on the Portuguese reconquest of Pernambuco.

Keywords: Early Modern paratexts; Map copying; Cartographic paratexts.

É consensual entre os estudiosos da cartografia que os mapas são sempre, em alguma medida, cópias.¹ Podemos acrescentar que as cópias de mapas, que desempenharam um papel fundamental na construção de conhecimentos e representações sobre diferentes partes do mundo na Época Moderna, nunca são idênticas, seja ao original, seja entre si. O que ocorre na cópia de mapas tem muitas semelhanças com o que se vê na produção de textos e pinturas ou na arquitetura e suas reproduções. Ocorrem práticas de tradução, em sentido amplo, de citação e de compilação ou composição, que podem ou não coexistir em uma mesma cópia.

Cópias e paratextos têm estreitas relações. Ambos dependem de algo que lhes antecede, e as definições expressam essa dependência. Copiar, como define Marcus Boon, baseado em Heidegger, que, por sua vez, retoma Platão, é “apresentar e produzir algo de uma maneira típica de outra coisa”.² Quanto aos paratextos, Gerard Genette os definiu como o “acompanhamento”, “aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores”. Esse teórico literário e semiólogo francês, a quem devemos o primeiro estudo exaustivo sobre os paratextos, também recorre a uma definição do prefixo “para” de J. Hillis-Miller e a considera uma “belíssima descrição da atividade do paratexto”:

Para é um prefixo antitético que designa ao mesmo tempo a proximidade e a distância, a semelhança e a diferença, a interioridade e a exterioridade [...], uma coisa que se situa ao mesmo tempo aquém e além de uma fronteira, de um limiar ou de uma margem, de estatuto igual e, no entanto, secundário, subsidiário, subordinado, como um convidado para seu anfitrião, um escravo para seu senhor. Uma coisa em *para* não está somente e ao mesmo tempo dos dois lados da fronteira que separa o interior do exterior: ela é também a própria fronteira, a tela que se torna membrana permeável entre o dentro e o fora. Ela opera sua confusão, deixando entrar o exterior e sair o interior, ela os divide e une.³

Essa explicação interessa para a argumentação deste artigo não apenas pelo caráter subsidiário atribuído aos paratextos, mas por seu lugar de fronteira, de margem, ou, especificamente, de moldura, como se verá mais à frente. Além de

Este artigo é resultado de projeto financiado por bolsa de Produtividade do CNPq, pelo Edital Universal CNPq/MCTI nº 10/2023, Processo 403863/2023-6, e integra o projeto MAPWORKS PID2022-141020NA-I00, financiado por MICIU/AEI/10.13039/501100011033 e por FEDER, União Europeia. Agradeço muito as críticas e sugestões recebidas dos colegas que participam desses projetos.

¹ François Dainville. *Le langage des géographes. Termes, Signes, Couleurs des Cartes Anciennes 1500-1800*. Paris: Editions A. et J. Picard & Cie., 1964, p. 67; John Brian Harley. “The Map and the Development of the History of Cartography”. In: John Brian Harley e David Woodward (eds.). *The History of Cartography, Vol. 1. Cartography in Prehistoric, Ancient, and Medieval Europe and the Mediterranean*. Chicago: University of Chicago Press, 1987, pp. 7-8; e Mauricio Nieto Olarte. *Las máquinas del imperio y el reino de Dios*. Bogotá: Universidad de los Andes, 2013, p. 188.

² Marcus Boon. *In Praise of Copying*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2013, p. 19.

³ Gérard Genette. *Paratextos editoriais*. Trad. de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009, p. 9.

dever sua existência a algo que lhes precede, seja cronologicamente ou em importância, cópias e paratextos também se relacionam porque os elementos paratextuais são lugares privilegiados em que se manifestam as diferenças entre as cópias e onde se pode identificar novas funções dadas aos documentos, atendendo a novos contextos.

A explicação sobre o prefixo “para” destaca o lugar de fronteira ou margem que ele marca. Porém, mais do que o sentido metafórico de uma margem do texto, este artigo tem como fio condutor justamente a moldura, o enquadramento (termos aqui usados como sinônimos) dos mapas, um aspecto que, não sendo inicialmente visto como um paratexto, adquire elevado valor paratextual. Exploro um conjunto de mapas partindo de diferentes elementos paratextuais e suas alterações durante o processo de cópia. São mapas que retratam o que se entendia como as terras do Brasil nos séculos XVI e XVII, com a orientação Oeste no alto e tendo como limite — como fim do mapa — um corte em relação às terras exploradas pelos espanhóis. Quatro manifestações desse enquadramento, com várias cópias, nos permitem observar as mudanças nos paratextos e os contextos que as motivaram. A análise densa dessas manifestações, em diálogo com a história do livro, a história da arte e a história da cartografia, traz também à tona o que há de moderno nessas práticas.⁴ Para introduzir a análise de cada uma dessas quatro manifestações, apresento uma breve discussão sobre a identificação dos paratextos e das funções paratextuais nos mapas.

Os paratextos nos mapas e o valor paratextual da moldura

Nos anos 1980, quando Gérard Genette realizou seus estudos sobre o que ele chamou de paratextos, tinha como fontes obras literárias dos séculos XIX e XX. Mesmo não sendo o primeiro a destacar a função desses elementos nas obras impressas, seu trabalho foi fundamental para impulsionar a valorização de aspectos antes considerados secundários. As análises dos paratextos foram ampliadas para outros períodos históricos e outros componentes de documentos escritos.⁵

Genette abordou especificamente textos ou paratextos verbais. Ponderou, no entanto, que era preciso ter em mente outros tipos de manifestação, como as ilustrações ou as escolhas tipográficas.⁶ Há estreitas correspondências entre paratextos em obras textuais e em mapas que fazem com que considerar certos elementos dos mapas como paratextos seja uma forma produtiva de analisá-los. Os

⁴ Jordana Dym e Carla Lois exploram outro aspecto das relações, comumente negligenciadas, entre mapas e livros visando o estudo dos mapas no contexto das obras em que foram inseridos: “Bound images: maps, books, and reading in material and digital contexts”. *Word & Image*, 37, 2 (2021), pp. 119-141.

⁵ Para uma recuperação da atenção dada aos paratextos antes de Genette, suas principais contribuições e os debates que se seguiram, ver Andréa Doré; André de Melo Araújo; Thomás A. S. Haddad; Verônica Calsoni Lima; Luís Filipe Silvério Lima. “Paratextos e Paratextualidade na Época Moderna: Limiares, Funções e Transformações”. In: *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 33 (2025), pp. 1-35.

⁶ Gérard Genette. *Paratextos editoriais*, op. cit. p. 14.

paratextos não só informam e guiam o leitor/observador, como inserem o documento, seja um livro ou um mapa, nas relações sociais em que foi produzido. Além disso, eles indicam o diálogo existente entre autores, leitores e sociedade. Os paratextos trazem para o interior da obra, ou para suas margens ou fronteiras, as ingerências, tensões e demandas de diferentes grupos sociais. Considerar que determinados elementos são paratextos ajuda a entendê-los em conjunto e destacar que a linguagem utilizada — verbal ou imagética — segue determinados padrões e modelos prévios, que não são exclusivos da obra que estamos analisando. Eles permitem identificar hierarquias, prioridades e valores que circulam entre produtores e consumidores.

Se fizermos um paralelo entre uma obra textual e um mapa, o “texto principal” de um mapa, em um sentido estrito, seriam suas informações geográficas: o contorno geográfico, as latitudes e longitudes, o traçado dos rios e montanhas, os topônimos e as escalas de representação. Outros elementos presentes no mapa podem ser considerados paratextos. Alguns são mais claramente associados aos paratextos porque se aproximam do que encontramos nos livros. São os cartuchos, ou cartelas, um espaço emoldurado que contém textos e imagens.⁷ Nesse quadro dentro do mapa podem estar títulos, nome dos autores, dedicatórias, avisos ao leitor e ilustrações que remetem ao espaço cartografado e que podem ser comparados às páginas de rosto e aos frontispícios dos livros. Outros conteúdos dos mapas também possuem valor paratextual. Insere-se nesse conjunto todo tipo de informação, verbal ou imagética, como monstros marinhos, cenas cotidianas de habitantes, animais, plantas, embarcações, castelos, bordas decoradas com alegorias ou vistas de cidades, legendas etc.

Em estudo recente, Anne-Rieke Schaik e Bram Vannieuwenhuyze propõem uma “abordagem paracartográfica” a fim de melhor inserir um mapa em seu contexto histórico.⁸ A primeira etapa da análise exige um desvio do olhar para áreas marginais do mapa. Os autores retomam o conceito de “paramapa”, desenvolvido por Denis Wood e John Fels, que seria uma forma de publicidade que o mapa utiliza para demonstrar sua autoridade. Seguindo Genette ao dividir os paratextos em peritextos e epitextos, esses autores diferenciam perimapas e epimapas. Os primeiros seriam títulos, cartuchos, legendas, barra de escalas, agradecimentos, ilustrações e dedicatórias presentes nos próprios mapas, enquanto os epimapas poderiam ser documentos a eles relacionados, como material promocional, cartas etc. A ideia de “paramapa” é criticada, por exemplo, por Mathew Edney, por considerar que a análise estaria concentrada em um mapa e iria contra a consideração, cara a Edney, do caráter processual dos mapas.⁹ O estudo de Schaik e Vannieuwenhuyze da *Caerte van*

⁷ Chet Van Duzer. *Frames that Speak. Cartouches on Early Modern Maps*. Leiden: Brill, 2023, pp. 1-2; G. N. G. Clarke. “Taking possession: the cartouche as cultural text in eighteenth-century American maps”. *Word & Image: A Journal of Verbal/Visual Enquiry*, 4 (1988), pp. 455-474; Andréa Doré. *Cartografia da promessa: Potosi e o Brasil em um continente chamado Peruana*. São Paulo: Intermeios, 2020, pp. 125-136.

⁸ Anne-Rieke Schaik; Bram Vannieuwenhuyze. “On the Threshold of an Old Map: A Paracartographic Approach to Joost Jansz Bilhamer’s *Caerte van Noorthollant*”. *The Rijks Museum Bulletin*, 71, 3 (2023), p. 213.

⁹ Anne-Rieke Schaik; Bram Vannieuwenhuyze. “On the Threshold of an Old Map”, *op. cit.* p. 216. Sobre epimapa e perimapa, ver Denis Wood e John Fels. *The Natures of Maps*:

Noorthollant [Mapa da Holanda do Norte], de Joost Jansz Bilhamer, de 1575, demonstra, porém, a validade dessa abordagem, potencializada quando associada ao estudo da prática da cópia de mapas. É justamente a ênfase no estudo das cópias que permite o êxito da análise dos autores.

Menos evidente como elemento constitutivo dos mapas com valor paratextual é o seu enquadramento ou moldura. Aqui a argumentação se serve de dois campos de estudo. Na história da arte, a moldura tem recebido pouca atenção, e essa negligência tem impedido de ver "o papel, a função ou o propósito da moldura na construção da obra de arte, ou como ela cria um significado para si mesma e para aquilo que encerra", uma vez que a fronteira material que ela define seria inseparável da fronteira conceitual.¹⁰

Na história do livro, a concepção de moldura (ou *frame*) está relacionada ao universo dos paratextos e às conexões que estabelece com o que está fora, o contexto. A moldura, como escreve Marie Maclean:

[...] define necessariamente uma relação de qualidade diferente daquela entre o próprio texto e seu público. É a relação entre o criador ou proprietário de um texto, de um lado, como o autor, o editor ou o patrocinador, e o público, de outro, entre os remetentes e os destinatários da mensagem.¹¹

O que podemos dizer sobre a moldura dos mapas? A sua prática mais ordinária foi explicada por Nicolas Buchotte (1673-1757):

Para finalizar os desenhos, fazemos uma borda ao redor, que é composta por uma linha grossa e uma fina. A linha grossa deve ficar sempre do lado de fora; ela é mais ou menos larga dependendo do tamanho do desenho.¹²

E por Henri Gautier (1660-1737), que trata da decoração, semelhante às iluminuras de manuscritos:

Cartographic Constructions of the Natural World. Chicago: The University of Chicago Press, 2008, p. 8. Sobre as críticas de Matthew Edney, ver *Cartography. The Ideal and its history*. Chicago: University of Chicago Press, 2019, pp. 36-37.

¹⁰ Paul Duro. "Introduction". In: Paul Duro (ed.). *The Retic of the Frame. Essays on the Boundaries of the Artwork*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 1.

¹¹ Marie Maclean. "Pretexts and Paratexts: the art of the peripheral". *New Library History*, 22 (1991), pp. 273-274.

¹² "Pour terminer les desseins on leur fait une bordure autour, qui est ordinairement composée d'un gros & d'un petit trait; le gros doit être toujours en dehors, & plus ou moins large, selon que le dessein est plus ou moins grand". Buchotte. *Les regles du dessein et du lavis, Pour les Plans particuliers des Ouvrages & de Bâtiments, & pour leurs Coupes, Profils, Elévations & Façades, tant de l'Architecture militaire que civile*. Paris: Chez Charles-Antoine Jombert, 1754, p. 190.

Essas bordas compostas serão finalizadas nos cantos e no meio das laterais, tanto com conchas, como com uma folha grande de pé-de-urso [*Acanthus mollis*], tanto com diferentes flores.¹³

No entanto, essas indicações sobre os contornos dos mapas não esclarecem sobre outras implicações da moldura, suas “fronteiras conceituais”, como afirmou Duro¹⁴. Essa expressão se reveste de um amplo significado para os mapas, porque o cartógrafo ou o editor que define o enquadramento, a moldura de um mapa, define também o mundo — ou a parte do mundo — que é ali representado. O que é deixado de fora, onde se realiza o corte e o que é eleito como centro do mapa têm consequências na apreensão e na difusão de uma determinada concepção do espaço cartografado. Indicam também as relações que os autores supõem ou desejam que esse espaço estabeleça com o que ficou de fora do mapa. Para Denis Cosgrove, a moldura nos mapas pode ter a função não apenas “de separar o interior do exterior, mas também de produzir e organizar a unidade e a totalidade dentro do espaço assim contido”. Ele conclui: “O enquadramento é um processo territorializante, até mesmo imperializante, sendo o mapa inescapavelmente um dispositivo classificatório”.¹⁵

As diferentes manifestações de um determinado enquadramento das terras do Brasil estão presentes desde meados do século XVI a meados do XVII. Do ponto de vista metodológico, a recorrência de mapas com essa moldura permitiu identificar conjuntos de cópias e analisar as práticas para sua feitura e as mudanças nos seus paratextos. É o que será apresentado em seguida.

¹³ “Ces bordures composées seront terminées sur les angles du dessein, & sur le milieu des faces, tantôt par des coquilles, tantôt par des coquilles, tantôt par une grosse feuille de branche ursine, & tantôt par diferentes fleurs”. Henri Gautier. *L’art de laver ou Nouvelle maniere de peindre sur le papier*. A Lyon: Chez Thomas Amaulry, 1687, p. 130.

¹⁴ Paul Duro. “Introduction”, *op. cit.*

¹⁵ Denis Cosgrove. “Introduction: Mapping Meaning”. In: Denis Cosgrove (ed.) *Mappings*. London: Reaktion Books, 2002, p. 10.

Primeira manifestação: Gastaldi, Ruscelli e os mapas-emblema



Figura 1 – Giacomo Gastaldi. *Brasil* na obra *Navigazioni e Viaggi*. Venetia, 1556. (p. 428r) Biblioteca da Universidade de Heidelberg. <https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/ramusio1556bd3/0936/image,info>

O ponto de partida deste percurso analítico de cópias e paratextos é o mapa de Giacomo Gastaldi (c.1500-1566), amplamente conhecido e incluído na obra de Giovanni Battista Ramusio (1485-1557), *Navigazioni e Viaggi*, no volume 3, de 1556 (Figura 1). Gastaldi e Ramusio tiveram uma colaboração bastante prolífica, e Stefano Grande chega a afirmar que não se pode encontrar dois nomes mais estreitamente ligados “em toda história da geografia cartográfica do século XVI”.¹⁶ Na obra *Navigazioni e Viaggi*, há 12 mapas feitos por Gastaldi: 3 no primeiro volume, dedicado à África, e 9 no terceiro volume, dos quais 7 dizem respeito à América.¹⁷

O mapa *Brasil* acompanha o breve relato *Discurso d'un gran capitano di mare francese* [Discurso de um grande capitão do mar francês], atribuído ao astrônomo e cosmógrafo normando Pierre Crignon. Descreve a viagem realizada em 1529, comandada por Jean Permentier, à ilha de Sumatra e inclui, na primeira parte, uma

¹⁶ Stefano Grande. *La carte d'America di Giacomo Gastaldi. Contributo a la storia dela cartografia del secolo XVI*. Torino: Carlo Clausen, 1905, p. 69.

¹⁷ São eles: Isola Spagnuola; Temistitan Messico; Brasil; il Cuscho citta principal dela provincia del Peru; La Nuova Francia; La terra di Hochelaga, nella Nova Francia; e Universale dela parte del mondo novamente ritrovada.

descrição das costas atlânticas da América, provavelmente fruto de outra viagem.¹⁸ Somente esse relato contém outros três mapas de Gastaldi: da *Nuova Francia* ou Terra de Labrador; um mapa de parte da região da Guiné; e a ilha de Sumatra. São todos mapas no mesmo estilo, com representações de animais e habitantes das terras e suas casas, sem coordenadas nem linhas de rumo ou escalas.

Verifica-se, então, uma primeira tradução, em que a história escrita em francês foi traduzida e impressa por Ramusio. Uma segunda tradução foi a passagem do relato para o mapa de Gastaldi, mesmo sendo possível constatar que o texto foi apenas parcialmente a fonte para a execução do mapa.

O conteúdo do relato de Pierre Crignon indica que seu objetivo era atrair a atenção dos mercadores normandos para comerciar com os indígenas das terras do Brasil, principalmente pau-brasil, e questionar o direito dos portugueses de domínio sobre as terras. O mapa é fiel a esses interesses, já que Gastaldi representa nativos que trabalham na extração de madeira e fazem trocas com os europeus.¹⁹

Nessa representação, outros aspectos merecem ser destacados. O mapa apresenta o Oeste na parte superior, uma orientação menos frequente do que o Norte no alto, embora coexistam diferentes orientações na cartografia do período. Não vemos uma rosa dos ventos, mas encontramos a menção "Ponente" para ajudar o observador a posicionar a área cartografada. Segundo o relato, o Brasil estende-se ao longo da linha equinocial, na parte sul e ocidental, a 10 graus da linha diametral, referindo-se ao meridiano que passava a oeste das ilhas de Cabo Verde. As terras começam a 3 graus da linha do Equador e se estendem por cerca de 52 graus em direção ao Polo Antártico. O mapa não contém linhas de latitude e longitude e o desenho da costa traz informações que não estão no texto.

Não é o objetivo aqui destacar as diferenças entre o texto e o mapa, o que Gastaldi omitiu ou acrescentou com base em outras fontes. O mapa não é uma ilustração da história, mas é, ao mesmo tempo, um resumo muito seletivo e uma cópia, mediante a prática da citação, de elementos presentes em outros mapas. Cabe, porém, mencionar um elemento curioso sobre a representação das terras do Brasil e que, até onde foi possível verificar, está presente apenas nesse mapa e em suas cópias. Trata-se de uma terceira tradução, nesse caso, uma tradução geográfica, aquela que ocorre quando a experiência baseada em um determinado espaço é utilizada para descrever um espaço desconhecido. Por meio da tradução, cartógrafos e copistas, assim como tradutores, visam preservar o que consideram o sentido original, tornando o resultado inteligível ao novo público ao qual o mapa se destina.²⁰

¹⁸ "Discurso d'un gran capitano di mare francese". In: Giovanni Battista Ramusio. *Navigazioni e Viaggi. A cura di Marica Milanese*. Einaudi Editore, vol. 6, 1988, pp. 911-926. Ver comentário introdutório de Milanese, p. 876.

¹⁹ Ver Olga Okuneva. "Ensaio sobre o mapa 'Brasil' de G. Gastaldi pertencente ao *Dele navigationi e viaggi* de G. B. Ramusio". *Terra Brasilis (Nova Série)*, 2 (2013), pp. 1-17.

²⁰ A adoção da ideia de tradução para compreender o que ocorre no âmbito da descrição geográfica aproxima-se do entendimento de Ralph Bauer e Jaime Marroquín Arredondo, que consideram que a tradução, seja através de diferentes períodos ou de culturas, foi central para o surgimento da ciência moderna. Ver dos autores, "1519: Conquista, Tradução e Descoberta na Ciência Moderna". In: Luís Guilherme Assis Kalil e Luiz Estevam de Oliveira Fernandes (orgs.) *1519: circulação, conquistas e conexões na Primeira Modernidade*. Jundiaí: Paco Editorial, 2021, pp. 67-96. Abordo essa prática em trabalhos anteriores: "Dos estreitos de

Na parte superior do mapa, há a representação de um vulcão que parece conectar dois grandes rios com os nomes de *Marañon F.* ao norte, e *Solis F. Rio de la Plata* ao sul, mais visível na versão em cores da edição de 1565 (Figura 2).



Figura 2 – Gastaldi, *Brasil*, 1565. IEB-Universidade de São Paulo. Detalhe.
<https://cartografiahistorica.usp.br/mapas/zoomify.php?id=579&oid=9>

As hipóteses para explicar esse vulcão inexistente no interior das terras seguem em duas direções. A primeira se relaciona ao local mapeado, ou seja, sugere que uma erupção na região pode ter influenciado a representação de Gastaldi. A ausência de coordenadas no mapa posiciona o vulcão em algum lugar impreciso no centro do continente, o que dificulta associá-lo a um evento específico. Um acidente geográfico unindo dois grandes rios remete, no entanto, a um modelo de representação da América do Sul muito prolífico. Em muitos mapas, inicialmente manuscritos feitos por portugueses e depois na produção impressa de vários cartógrafos fora da Península Ibérica, encontramos esses dois rios originários, não de um vulcão, mas de um grande lago.

Gastaldi pode ter se baseado em informações sobre a lagoa do interior chamada de Eupana, Xarayes ou Dorado, que dá origem ao mito cartográfico da ilha-Brasil, no qual a contiguidade das terras é suplantada por uma visão da insularidade do Brasil. Contudo, as representações conhecidas desse mito são posteriores ao seu mapa.²¹ O lago e o vulcão de Gastaldi são imaginários, e ambos marcam uma separação entre as possessões espanholas e portuguesas.

Malaca ao estreito de Magalhães: a viagem de Magalhães-Elcano na perspectiva asiática”, nessa coletânea organizada por Luís Guilherme Kalil e Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, esp. pp. 117-119, e “La traducción de una ciudad: copias de Suaquem en la cartografia manuscrita portuguesa del Mar Rojo”. *Espacio, Tiempo y Forma*. Serie IV Historia Moderna (2022), pp. 157-180. Disponível em: <https://doi.org/10.5944/etfiv.35.2022.34630>. Acesso em 20 de dezembro de 2025.

²¹ O mapa de André Homem, de 1559, é a primeira representação conhecida na cartografia portuguesa. O atlas de Joan Rotz, *Booke of Idrography* (1540-1542), anterior, contém um mapa em que as terras da América do Sul são separadas por uma linha hidrográfica, mas não há dados convincentes de que Rotz já tivesse notícias de um lago no interior do continente. Para uma cronologia de outros mapas portugueses, ver Andréa Doré. “La traversée de l'intérieur de l'Amérique du Sud: insularité, contiguïté et circulation”. In: Louise Bénat-Tachot, Clotilde Jacqueland e Mauricio Onetto (eds.). *Lectures géopolitiques de la transversalité américaine: rôles et problématiques des passages aux XVIe et XVIIe siècles*. Paris: Sorbonne Lettres, Le Manuscrit, 2022, pp. 327-355 e “Contiguidade e insularidade. Descrição de todo o Estado do Brasil, João Teixeira Albernaz I, c. 1626”. In: Andréa Doré e Junia Furtado (orgs.). *História do Brasil em 25 mapas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. Ver também Iris Kantor. “Usos diplomáticos da ilha-Brasil: polêmicas cartográficas e historiográficas”. *Varia Historia*, 23, 37 (2007), pp. 70-80.

A outra direção de pesquisa visando uma hipótese explicativa para a figuração desse vulcão seria a experiência do cartógrafo. Esta parece ser mais promissora, uma vez que os vulcões na produção de Gastaldi são uma referência frequente. Em 1545, ele produziu um mapa da Sicília e ilhas próximas em que figurou vulcões reais, como o Etna e o Vulcano, mas também incluiu na ilha Filicudi, ou Felicur, onde não há registro de erupções.²² Não podemos ainda afirmar qual teria sido a fonte de Gastaldi para unir os dois grandes rios no interior das terras, mas podemos sugerir algumas interpretações para que o lago, caso ele soubesse de sua existência, ou do seu mito, fosse transformado em vulcão. A primeira é que Gastaldi se utiliza de uma geografia familiar e traduz a informação para uma geografia que ele desconhece. Em segundo lugar, seguindo a prática que podemos encontrar em muitos mapas do período, a representação de um vulcão, como de muitas montanhas e rios, poderia significar tanto uma ocorrência objetiva quanto uma possibilidade.

Para apontar a separação entre as terras que pertenceriam a Portugal e as de Castela — um dos efeitos do mito cartográfico da ilha-Brasil —, Gastaldi efetua uma ruptura ainda mais forte. Ele adota uma morfologia para o Brasil que é definida pela moldura do próprio mapa. No extremo superior do mapa, encontram-se as fronteiras com a parte ocidental, descrita como "terra non scoperta" [terra não descoberta], explorada pelos espanhóis já havia 20 anos, uma vez que Francisco Pizarro havia chegado às cidades do Império Inca em 1532. O relato francês não usa essas palavras para descrevê-la, mas fornece indicações de distâncias a oeste e informa que o Brasil faz fronteira com as terras e ilhas descobertas pelos espanhóis nas Índias Ocidentais.

Essa morfologia das terras do Brasil não era estranha aos autores portugueses do período colonial. Frei Vicente de Salvador a comparou à figura de uma harpa, "cuja parte superior fica mais larga ao norte correndo do oriente ao ocidente, e as colaterais, a do sertão do norte a sul, e da costa do nordeste a sudoeste, se vão ajuntar no rio da Prata em uma ponta".²³ Ela também é encontrada em outros mapas do período, como no de Guillaume Le Testu, em sua *Cosmografia Universal*, de 1555, e em vários mapas portugueses.²⁴ Contudo, o mapa de Gastaldi difere em dois aspectos importantes: a orientação com o Oeste no topo e uma difusão mais ampla

²² Ver o mapa *Isola della Sicilia. Descrittione della Sicilia con le sue isole*, Venetia, 1545. Biblioteca Nacional da França. Disponível em: <https://ca.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8494735d>. Acesso em 20 de dezembro de 2025. O mesmo vulcão imaginário na ilha de Filicudi está em outro mapa de Gastaldi: *Il disegno della Geografia Moderna de Tutta la Provincia de la Italia*, 1561. Ver Lisetta Giacomelli e Roberto Scandone. "La fortuna dei dati sbagliati. Le eruzioni dei vulcani italiani rappresentate su mappe e affreschi". [2022]. Disponível em: <https://ingvvulcani.com/2022/07/18/la-fortuna-dei-dati-sbagliati/>. Acesso em 20 de dezembro de 2025.

²³ Frei Vicente de Salvador. *História do Brasil 1500-1627* [1627]. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1982, Livro I, Capítulo 3, p. 59 e Pero de Magalhães Gandavo. *História da Província Santa Cruz* [1576]. Org. Ricardo Martins Valle. Introdução e notas: Clara C. Souza Santos e Ricardo Martins Valle. São Paulo: Hedra, 2008, p. 69.

²⁴ O mapa de Le Testu, de 1555, tem o Norte na parte de baixo do mapa. Biblioteca Nacional da França: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8447838j/f96.item#>. Um exemplo na cartografia manuscrita portuguesa está no Atlas portulano de Bartolomeu Velho, na Huntington Library, de 1568.

garantida por sua impressão e inclusão na obra de Ramusio. Assim, servirá a outras apropriações.

Uma cópia direta do mapa de Gastaldi foi feita pelo alquimista, matemático e cartógrafo veneziano Girolamo Ruscelli (1518-1566) e integrou sua *Geographia* de Ptolomeu, que teve cinco edições de 1561 a 1599. Muitas modificações foram feitas nessa cópia, o que levanta uma discussão, que ultrapassa o escopo deste artigo, sobre a relação entre original e cópia, entre copiar e criar (Figura 3).²⁵

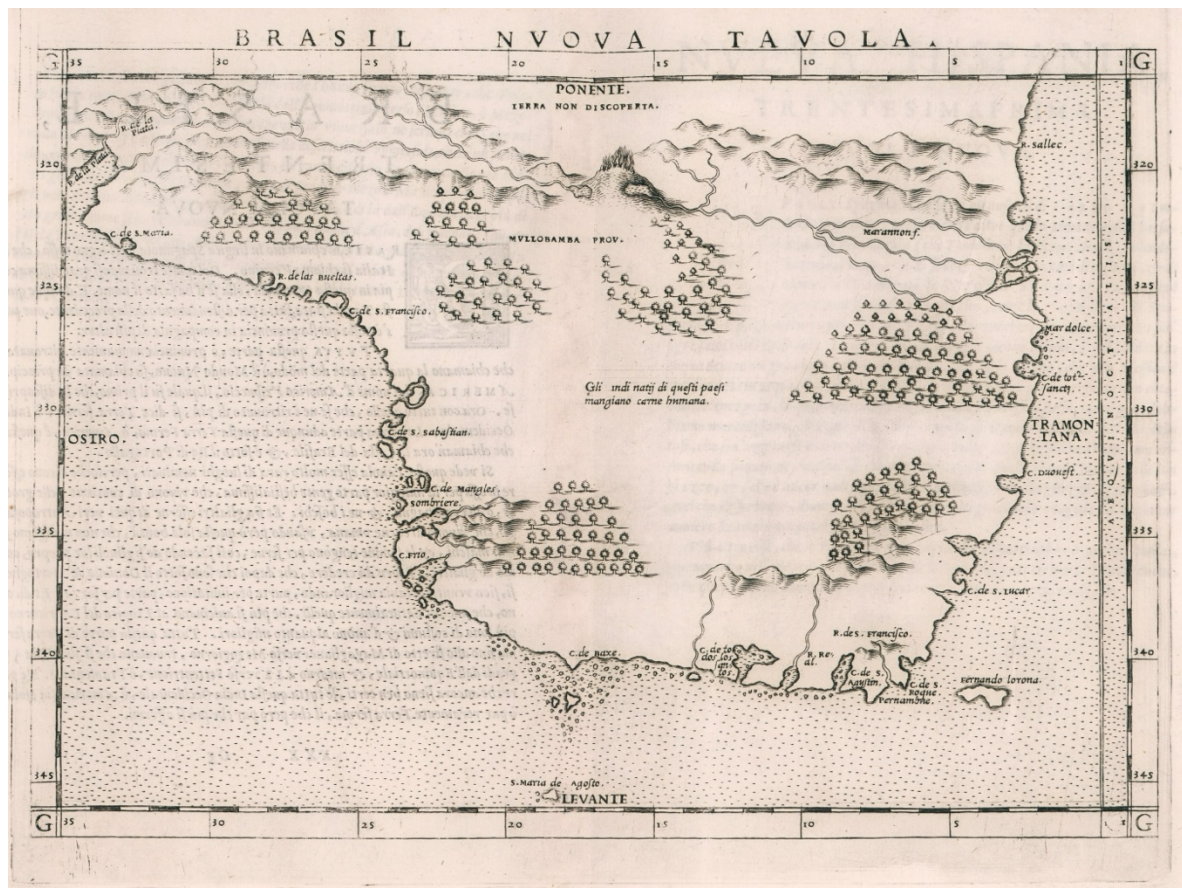


Figura 3 – Girolamo Ruscelli. *Brasil Nuova Tavola*. Venetia, 1561.
<https://mediacommons.unl.edu/luna/servlet/s/39ya1o>

O enquadramento do mapa, o traçado geográfico, a orientação com o Oeste no topo, certos topônimos, os rios e o vulcão são preservados, mas a principal motivação, a de demonstrar o potencial de comércio de pau-brasil entre os nativos e os franceses, parece ter desaparecido. Não há indígenas ou europeus, nem navios nas águas que circundam o Brasil.

As representações dos povos indígenas das terras do Brasil nos mapas são frequentemente ambíguas. Eles são apresentados como abertos ao contato e dispostos à troca e, ao mesmo tempo, como praticantes do canibalismo. Em um mesmo mapa, como o famoso planisfério de Lopo Homem e Jorge e Diogo Reinell, de 1519, indígenas cortando e carregando pau-brasil preenchem toda a massa de terra correspondente ao Brasil, enquanto na legenda se afirma que comem carne

²⁵ Ver Luciano Canfora. *Il copista come autore*. Palermo: Sallerio Editore, 2002.

humana.²⁶ Na cópia que Ruscelli fez do mapa de Gastaldi, o relato do mercador de Dieppe não figura mais como a motivação, e a ambiguidade se inclina para o lado negativo das práticas canibais. No centro do mapa de 1561, há apenas uma legenda: "Gli indi natii di questi paesi mangiano carne humana" [os índios nativos deste país comem carne humana].

Na edição de Ruscelli de 1574, identificamos apenas uma diferença, mas que é de grande relevância para a argumentação deste artigo. É acrescentada uma cena de canibalismo abaixo da legenda. Uma mulher nua segurando uma lança está próxima de uma fogueira, onde um homem assa uma perna humana (Figura 4).



Figura 4 – Detalhe de Girolamo Ruscelli. *Brasil Nuova Tavola*. Venetia: Apresso Giordano Zilleti, [1574]. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

<https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervodigital/divcartografia/cart395874/cart395874.pdf>

Ruscelli copia o mapa de Gastaldi e, ao inserir a legenda e a imagem, também cria uma cópia *citando* outros mapas. Algumas palavras sobre essa prática são baseadas em estudos de história da arte e da literatura. Richard Krautheimer desenvolveu uma teoria para explicar por que um objeto que não se assemelha a outro ainda pode ser considerado uma cópia. Segundo o autor, na arte ou na arquitetura medieval, a imitação não se baseava na forma, mas no número de elementos que compunham aquela forma específica. Na cópia, quando os elementos eram frequentemente reorganizados e outros adicionados, a obra original era decomposta e retrabalhada, sendo que algumas características mais evidentes eram suficientes para identificá-la. Além de alguns elementos essenciais, os artesãos

²⁶ Flavia Galli Tatsch e René Lommez Gomes. "De selvagens canibais a pacíficos comerciantes: a invenção da iconografia dos ameríndios na Europa renascente, 1492-1555". In: Jorge Cañizares-Esguerra, Luiz Estevam de Oliveira Fernandes e Maria Cristina Bohn Martins (orgs.). *As Américas na Primeira Modernidade (1492-1750)*. vol. 3. Vitória: Editora Milfontes, 2020, pp. 313-400; Andréa Doré. "Antes de existir o Brasil. Planisfério de Cantino, 1502". In: Andréa Doré e Junia Furtado (orgs.). *História do Brasil em 25 mapas, op. cit.* pp. 18-32.

podiam acrescentar outros. Há, portanto, no processo de cópia, um momento em que o copista define quais os elementos que considera essenciais.²⁷ Para Ruscelli, o enquadramento, o traçado geográfico e o vulcão seriam essenciais, mas as referências aos habitantes poderiam vir de outras fontes.

Essa prática equivale ao que ocorre na produção livreira na Época Moderna, quando era comum utilizar obras de outros autores, fazer o "copiar-colar" e oferecer um novo produto aos leitores. O texto impresso não se caracterizava por sua estabilidade ou unidade, e compilar autores consagrados era garantia da validade para novas produções. Anthony Grafton chama os autores de livros que aproveitavam trabalhos anteriores de compiladores e de copistas.²⁸ Michel Jeanneret chama de "usuários" (*usagers*) os organizadores de novas obras feitas com partes recolhidas e combinadas a partir de diferentes fontes, caracterizando a "estrutura modular" dos textos, especialmente do século XVI.²⁹ Os criadores, gravadores e editores de mapas também eram compiladores, e o caráter modular está presente nas cópias de mapas. Ele pode ser expresso na adoção de citações, ou por meio da colagem, como se verá mais à frente.

Não se trata apenas de uma simplificação ou do apagamento de informações. Com efeito, por meio da citação de outros mapas, Ruscelli insere um elemento paracartográfico e transforma o mapa de Gastaldi em um mapa-emblema.³⁰ O emblema, formado por palavras e por imagens, foi um dispositivo fundamental no Renascimento para aquisição e transmissão de conhecimento. No caso de mapas, as palavras — e mais frequentemente as ilustrações — não seriam utilizadas para explicar ou comentar o que é visto, mas para dotar a imagem de um sentido: neste caso, um sentido para a terra chamada Brasil.

A pequena cena de canibalismo presente no mapa de Ruscelli aparece em outros mapas e já estava na *Carta Marina* de Martin Waldseemüller, de 1516, próximo ao topônimo "Terra Canibalorum".³¹ Em ambos os casos, ela desempenha o mesmo papel que Christian Jacob atribuiu à representação de animais e árvores em alguns mapas da África:

²⁷ Sarah Blick. "Exceptions to Krautheimer's Theory of Copying". *Visual Resources: An International Journal of Documentation*, 20:2-3 (2011), pp. 123-142. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0197376042000207525>. Acesso em 20 de dezembro de 2025. Um estudo de caso em que se analisa as escolhas dos copistas nos mapas pode ser lido em Andréa Doré. "La traducción de una ciudad", *op. cit.* pp. 157-180.

²⁸ Anthony Grafton. *Inky fingers. The making of books in early modern Europe*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2020, p. 4.

²⁹ Michel Jeanneret. "Chantiers de la Renaissance. Les variations de l'imprimé au XVI siècle". *Genesis*, 6 (1994), p. 42.

³⁰ Lucia Nuti. "The World Map as an Emblem: Abraham Ortelius and the Stoic Contemplation". *Imago Mundi*, 55 (2010), pp. 38-55.

³¹ Para essa referência, ver Yobenj Aucardo Chicangana-Bayona. *Imagens de canibais e selvagens do Novo Mundo. Do maravilhoso medieval ao exótico colonial séculos XV-XVII*. Trad. Marcia Aguiar Coelho. São Paulo: Editora Unicamp, 2017, p. 58 e Chet Van Duzer. *Martin Waldseemüller's "Carta Marina" of 1516. Study and Transcription of the Long Legends*. SprinOpen, 2020, p. 92.

Eles não vêm para marcar um lugar, mas para descrever uma área. Passamos de uma função sinalizadora para uma função emblemática. Eles têm uma eficácia metonímica que se estende por todo o continente africano³².

Essa função não difere daquela que a citação, enquanto prática, ocupa na produção literária quando, ali também, como afirma Antoine Compagnon, “tem um valor de emblema”³³.

Segunda manifestação: holandeses em Pernambuco

O segundo conjunto em que se manifesta o enquadramento de Gastaldi é também composto por mapas impressos e foi realizado por cartógrafos dos Países Baixos. O interesse pelas Terras do Brasil se intensificou nos ateliês de Amsterdam com as invasões holandesas a partir do ataque a Salvador, em 1624, e a conquista de Olinda e Recife, em 1630, até a recuperação da região pelos portugueses em 1654. O limite definido pela moldura, que divide as duas partes da América do Sul, e a orientação Oeste são dois aspectos que se repetem nesses mapas. Vemos que se realiza uma nova série de cópias por meio da tradução, citação e compilação.

Importantes cartógrafos holandeses, como Claes Jansz Visscher (1587-1652) e Willem Blaeu (1571-1638), bem como seu filho Joan Blaeu (1596-1673), recebiam informações dos funcionários da Companhia das Índias Ocidentais, fundada em 1621, a fim de traduzi-los para a forma cartográfica. As informações, geográficas e históricas, em forma de texto e imagens, eram reunidas em um mesmo documento caracterizando o gênero de mapas de notícias (*news map*). O mapa feito por Claes Visscher em 1630 ou, melhor, sua composição ou compilação cartográfica, é considerado o exemplo mais significativo do gênero.³⁴

Nessa composição, o enquadramento das terras do Brasil se repete, com o Norte à direita no mapa, que está no centro esquerdo do documento (Figura 5). Não representa a mesma extensão da costa atlântica expressa no mapa de Gastaldi, que seguia desde o Maranhão até a foz do Rio da Prata, mas é elaborado em uma escala maior e representa o Nordeste, com a Bahia de Todos os Santos ao sul. Trata-se da representação da porção do Brasil que interessava aos holandeses e que eles tentaram conquistar.

³² Christian Jacob. *L'empire des cartes. Approche théorique de la cartographie à travers l'histoire*. Paris: Albin Michel, 1992, p. 205.

³³ Antoine Compagnon. *La seconde main ou Le travail de la citation*. [1979]. Paris: Seuil, 2016, p. 12.

³⁴ Michiel van Groesen. *Amsterdam's Atlantic. Print Culture and the Making of Dutch Brazil*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2017, p. 80; Martijn Storms. “The siege of Bahia... or was it Sluis? Fake news from Brazil”. In: Michiel van Groesen et al. (eds.). *Maps that Made History. 1000 Years of World History in 100 Maps*. Leiden: Univesiteit Leiden; Lannoo, 2022, pp. 62-63.

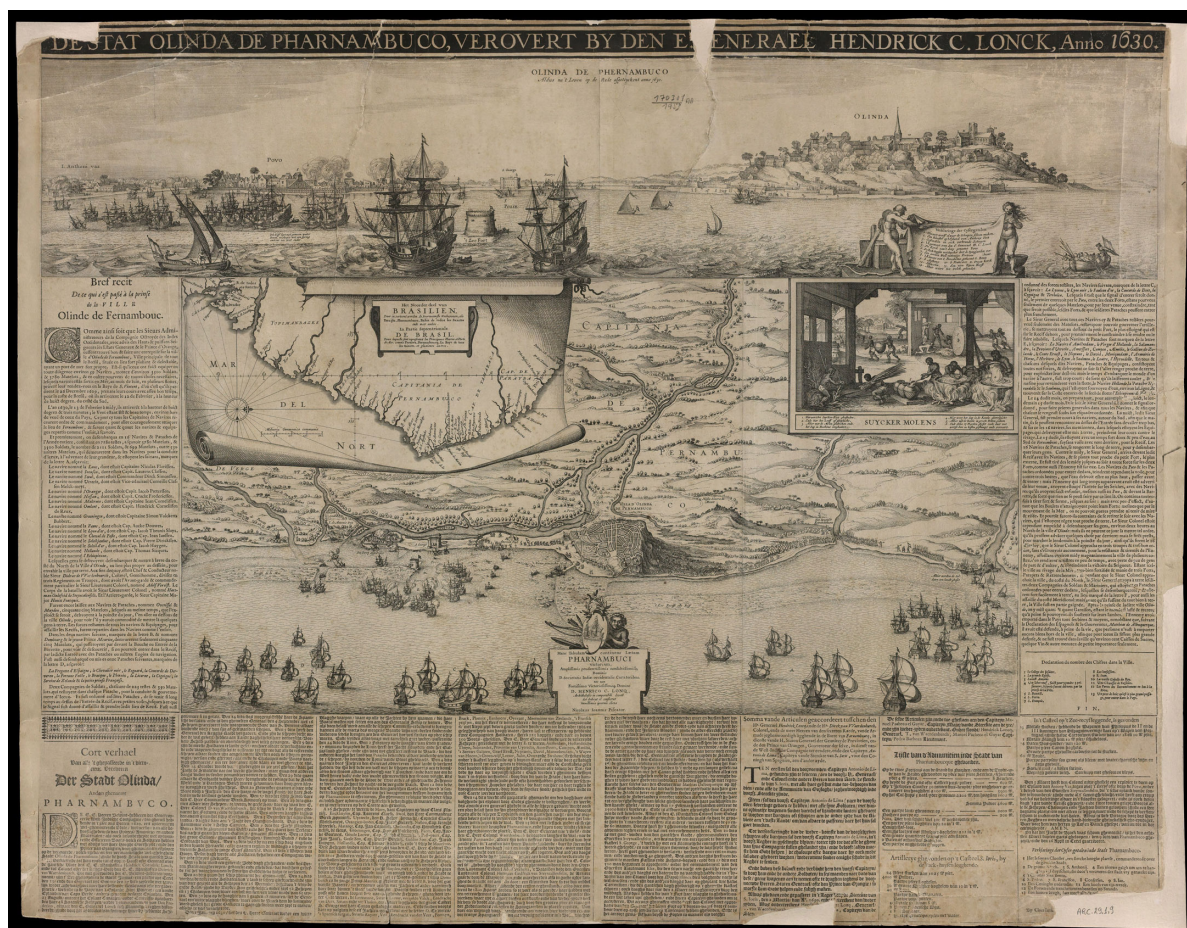


Figura 5 – Claes Jansz Visscher. *De Stat Olinda de Pharnambuco*, 1630. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

<https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervodigital/divcartografia/cart170301/cart170301.jpg>

Esse mapa apresenta um jogo de escalas. A escala média é central, por meio da qual se representa o litoral de Pernambuco, com as cidades de Olinda e Recife e sua conquista pelos holandeses. Nos cantos superiores direito e esquerdo dessa parte central, encontram-se escalas subsidiárias: em uma escala maior, uma cena cotidiana em um engenho de açúcar, no qual trabalham africanos escravizados; em uma escala menor, representa-se o litoral do Nordeste, imitando o enquadramento que já conhecemos. Na parte superior do mapa, há uma vista da cidade de Olinda e de seu porto. Elizabeth Sutton, ao descrever esse mapa, destaca que Visscher adotou a linguagem visual já utilizada em vistas e planos de cidades europeias, “domesticando” as cidades de Olinda e Recife.³⁵

Essa combinação de mapas atribui um valor paratextual às escalas, uma vez que elas permitem acompanhar diferentes dimensões da vasta região do nordeste do Brasil, onde se encontravam os holandeses. Em um mapa de notícias como esse, verifica-se o que Denis Cosgrove afirmou sobre a função da escala: “um ato

³⁵ Elizabeth A. Sutton. “Profit and Possession in Brazil”. In: *Capitalism and Cartography. In the Dutch Golden Age*. Chicago: The University of Chicago Press, 2015, p. 84.

poderosamente imaginativo e gerador que registra e põe em movimento cadeias de significados e associações em um processo ativo de conhecimento”.³⁶

Nesse mapa, encontra-se a mesma prática que Schaik e Vannieuwenhuyze identificaram em cópias do "Mapa da Holanda do Norte". Em uma cópia feita em 1608, vários elementos foram adicionados, como uma tira de textos nas laterais e no inferior do mapa, com uma extensa descrição da história, da economia e da cultura da região representada.³⁷ O contrário também ocorre, com a circulação do mapa sem as faixas de texto, como fez Nicolaes Visscher I (1618-1709), filho de Claes Jansz, em outras composições.³⁸

Complementarmente, os mapas de notícias impõem ao leitor uma orientação. A iconografia e os textos seguem um princípio de ordem único. Eles possuem uma "sintaxe gráfica e visual".³⁹ Esse gênero cartográfico tinha um objetivo informativo e, como mapa mural, também cumpria uma função decorativa. Não hesitamos em afirmar que decoravam as paredes das residências de homens de Estado e de famílias abastadas. Mas também podiam ser encontrados em outros lugares, igualmente frequentados por homens de negócios, como mostra a pintura de Jacob Duck (1600-1667), *Uma cena de bordel*, na qual o mapa está pendurado na parede (Figura 6).



Figura 6 – Detalhe de Jacob Duck (1600-1667), *Uma cena de bordel*, c. 1635.

³⁶ Denis Cosgrove. "Introduction: Mapping Meaning". *op. cit.* p. 9.

³⁷ Anne-Rieke Schaik e Bram Vannieuwenhuyze. "On the Threshold of an Old Map", *op. cit.* p. 219.

³⁸ Um mapa feito por Nicolaes Visscher, de 1640, recorta parte desse mapa e tem o título *Hanc tabulam continens laetam Pharnambuci victoriam*. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8458444g/f1.item>. Acesso em 20 de dezembro de 2025.

³⁹ Christian Jacob. *L'empire des cartes*, *op. cit.* p. 203.

Terceira manifestação: holandeses e o Brasil

Nos mesmos anos de 1630, o enquadramento das terras do Brasil ganhou uma terceira manifestação com o mapa de Willem Blaeu, *Novus Brasiliae Typus*, ou *Novo Mapa do Brasil* (Figura 7).

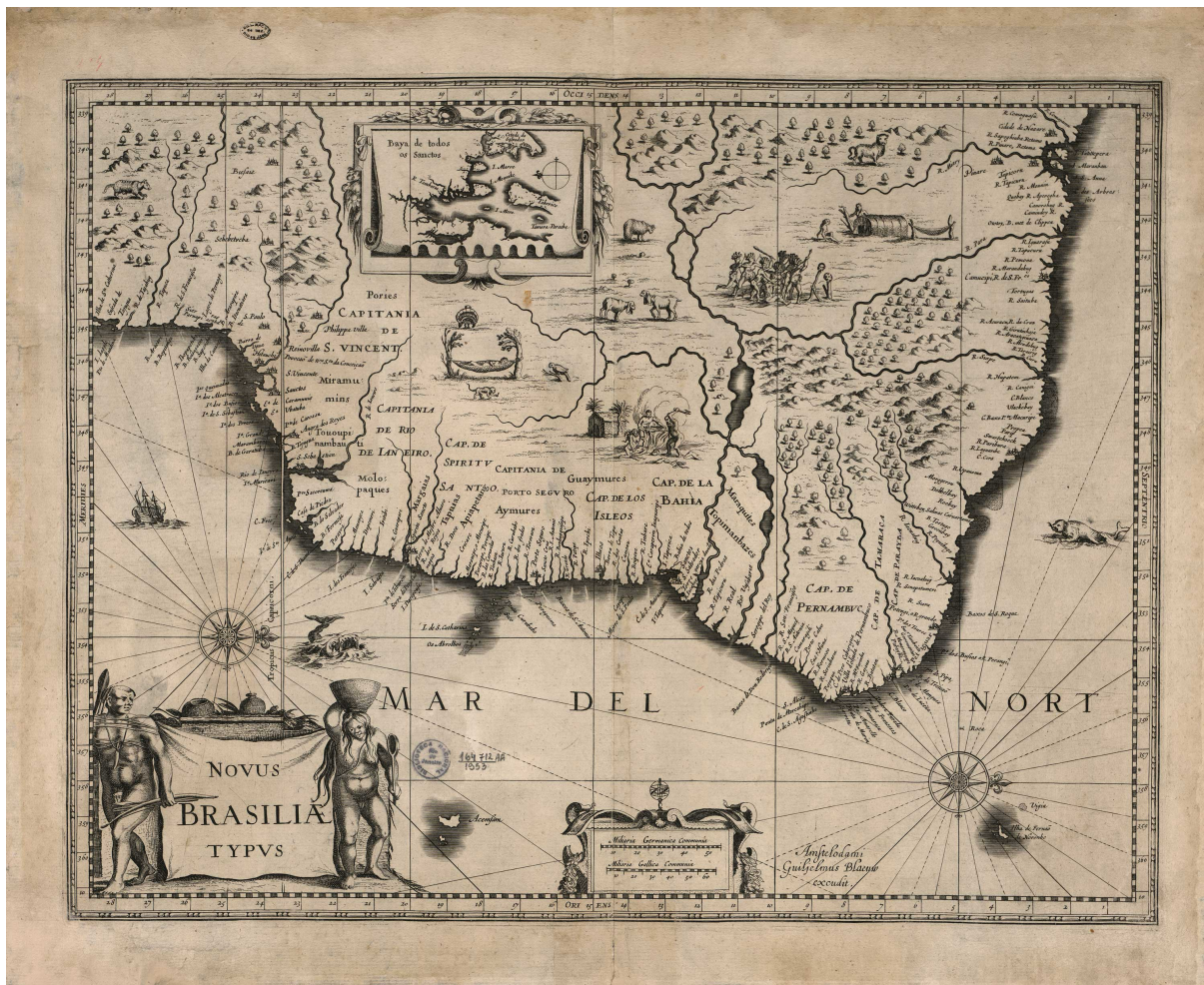


Figura 7 – Willem Janszoon Blaeu, *Novus Brasiliae Typus*. [1631?]. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

<https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervodigital/divcartografia/cart164712/cart164712.jpg>

O limite sul se estende novamente e corresponde à ilha de Santa Catarina. O corte do mapa no lado ocidental se repete, marcando a separação do restante da América. Também se observa a dupla escala, com a inserção de um mapa que representa a baía de Todos os Santos. A escala maior, com elementos cotidianos, se dissolve no mapa, dentro da massa terrestre ou no cartucho. São cenas de canibalismo, mas também de animais, habitações, um indígena em uma rede e conflitos entre grupos rivais — citações emblemáticas como as que Ruscelli já havia incluído em seu mapa.

Uma nova cópia introduz outros elementos, mantendo o mesmo contorno do litoral do Brasil, desde a ilha de Santa Catarina até a foz do rio Maranhão, de autoria

de Jan Jansson (1588-1664) (Figura 8). Além do mapa topográfico da baía de Todos os Santos, há a inserção de uma representação da cidade de Olinda, em Pernambuco, ao lado. As mesmas ilustrações, cenas cotidianas e citações estão inseridas no interior das terras, mas em locais diferentes. Desaparecem os dois animais marinhos do mapa anterior e surgem duas caravelas em posições simétricas nas duas laterais do mapa. O título agora afirma ser um mapa “mais acurado” do Brasil, e o cartucho adquire novos guardiões.



Figura 8 – Jan Jansson. *Accuratissima Brasiliae Tabula*, c1633. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

<https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervodigital/divcartografia/cart164724/cart164724.jpg>

Há ainda outro caso do uso desse mapa no qual ele não mais *cita* outros mapas, mas é ele próprio uma citação. O *Accuratissima Brasiliae Tabula*, de Jansson, cópia de Blaeu, é *citado* na composição de Willem Hondius (c.1597-1652). Trata-se de uma composição cartográfica com 12 mapas, em diferentes escalas, na qual reconhecemos elementos presentes nos mapas anteriores (Figura 9). Esse mapa mural, de 1,40 m x 1,00 m, de 1635, foi dedicado ao primeiro-ministro do rei Luís XIII, o Cardeal Richelieu (1585-1642). Seu objetivo, como expresso na dedicatória, era relatar, por meio de textos e figurações geográficas, as conquistas da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais nas costas do Brasil.



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 9 – Willem Hondius, *Novo mapa & sucinta descrição do Brasil & de todos os lugares conquistados pela Companhia das Índias Ocidentais*, 1635. Biblioteca Nacional da França.
<https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40638892r>

Do ponto de vista de sua elaboração, há ao menos três aspectos a considerar. O primeiro deles é o multilinguismo e a tradução. Há legendas em latim, os títulos e as legendas estão também em francês e em neerlandês e o longo texto que aparece abaixo está em francês.

O segundo aspecto é a forma como é construído, fruto de um processo de compilação ou colagem. Trata-se precisamente disso. O mapa é composto por oito partes coladas, como se pode verificar pelo exame do objeto preservado na Biblioteca Nacional da França. Foram também colados quadros com legendas em espaços previamente deixados em branco.

Nesse mapa também se encontra um terceiro elemento, dessa vez em diálogo com a pintura. É o uso do *trompe-l'œil*, gênero muito presente na pintura realista holandesa e que se manifesta nos detalhes, na forma como mapas são pendurados no interior da composição ou no texto das legendas. O *trompe-l'œil* também nos permite associar esses mapas ao gênero dos troféus de caça, uma vez que a técnica era muito apreciada como forma de registrar os resultados das caçadas.⁴⁰ Os portos

⁴⁰ Por encomenda do rei Luís XV, por exemplo, Jean-Baptiste Oudry (1686-1755) realizou pinturas com esse fim, e cada imagem era acompanhada de uma pequena cartela, com a história do butim. Miriam Milman. "Une tentative de définition du trompe-l'oeil". In: Sylvie Carlier e Aurélie Gavaille (sous la direction de). *Le trompe l'oeil. De 1520 à nos jours*. Paris:

conquistados pelos holandeses no nordeste do Brasil são, assim, “pendurados” no mapa, para exibir os sucessos das batalhas.

Quarta manifestação: mudanças nos cartuchos

A quarta versão do enquadramento das terras do Brasil é proveniente do ateliê de Joan Blaeu, filho de Willem Blaeu, onde foi feito, em 1640, um mapa com o desenho do litoral mais acentuado em direção ao Atlântico, estendendo-se para além da foz do Amazonas. Mantêm-se o corte em relação ao lado espanhol e a orientação Oeste (Figura 10).



Figura 10 – Joan Blaeu. *Brasilica: generis notilitate armerum et litterarum scientia prestant.mo Heroi*, aqui na edição de 1665. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

<https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervodigital/divcartografia/cart170424/cart170424.jpg>

As modificações das cópias do mapa *Brasilica* se concentram, sobretudo, nos cartuchos. No cartucho desse primeiro mapa, lê-se uma dedicatória de Joan Blaeu a Christophorus (ou Krzysztof) Arciszewski, “nobilíssimo herói, destacado pela nobreza de sua linhagem”. Esse militar de origem polonesa atuou a serviço da Companhia das

2024, p. 52. A pintura de gênero realista produzida nos Países Baixos, contemporânea do Século de Ouro da cartografia, contém numerosas formas de ilusionismo, como exemplifica a obra de Samuel van Hoogstraten (1627-1678) *Trompe l'œil* (1666-67). Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/811827>. Acesso em: 20 de dezembro de 2025.

Índias Ocidentais no Brasil a partir de 1630 e participou da conquista da Paraíba e de enfrentamentos nas Alagoas.⁴¹

O mapa foi retomado pelo editor holandês Arnoldus Montanus (1625-1683) em 1671, em seu livro *America*, traduzido no mesmo ano para o inglês por John Ogilby. As modificações nessa cópia ocorrem nos cartuchos, nas caravelas e nas rosas dos ventos (Figura 11).⁴² Os cartuchos contêm uma composição de objetos e pessoas que abordam diferentes temas, como o saber geográfico (globos e compassos); produtos de diferentes regiões da América (peles, tabaco); e a disposição hierárquica de figuras europeias em pé e indígenas abaixo, sentados ou agachados. Ao redor do quadro de escalas, um grupo de *putti*, diferente daquele inserido por Blaeu, parece reduzir a estranheza do Novo Mundo com a inserção de imagens familiares. Várias dessas ilustrações são retiradas de outras passagens da extensa obra de Montanus que faz aqui uma colagem. O título do mapa *Brasília* se mantém, mas desaparece a dedicatória a Arciszewski, enfraquecendo a conexão do mapa com a presença holandesa em Pernambuco.



Figura 11 – *Brasília*, em Arnoldus Montanus, *America*, traduzida por John Ogilby. Londres, 1671. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

<https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervodigital/divcartografia/cart984883/cart984883.jpg>

Para concluir este percurso por mapas, cópias e paratextos cartográficos, chegamos a 1698, quando o padre carmelita português João José de Santa Teresa (1658-1733) publicou, em italiano, uma *História das guerras do reino do Brasil, ocorridas entre a coroa de Portugal e a República da Holanda*.⁴³ O autor reuniu nessa obra, como ele mesmo explica, cartas geográficas de todo o reino do Brasil e de suas províncias e vistas das principais cidades e fortalezas. Informa que os originais dos mapas pertenciam à biblioteca do cardeal Pietro Ottoboni, o papa Alexandre VIII, dos

⁴¹ Para o mapa de Joan Blaeu, na edição de 1640, ver, na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos: <https://www.loc.gov/resource/gdcwdl.wdl01074/?sp=1&st=image>. Acesso em 20 de dezembro de 2025.

⁴² Arnoldus Montanus. *America being the latest, and most accurate description of the New World*. London: Printed by the Author, 1671.

⁴³ João José de Santa Teresa. *Istoria delle guerre del Regno del Brasile accadute tra la corona di Portogallo, e la Republica di Olanda*. Roma: nella stamperia degl'Eredi del Corbelletti, 1698.

quais mandou extrair cópias para ilustrar sua *Istoria*. Gonsalves de Mello indicou que esses originais eram desenhos de Frans Post (1612-1680) e mapas de George Marcgrave (1610-1644) e de Johannes Vingboons (1616-1670), além de Joan Blaeu, autor do primeiro mapa do Brasil no livro de Santa Teresa (Figura 12).⁴⁴



Figura 12 – Detalhe do mapa “Il reino del Brasile” na obra de João José de Santa Teresa. *Istoria delle guerre del Regno del Brasile*, 1698. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart96519/cart96519.htm

Além de uma movimentada cena de canibalismo inserida no interior do Brasil, essa nova cópia contém cartuchos, atribuídos a Andrea Antonio Orazio, que invertem os objetivos do mapa produzido por Blaeu. Do cartucho original, no canto inferior esquerdo, foram retirados o título, a autoria e a dedicatória ao “nobilíssimo herói” Arciszewski. No seu lugar, há uma composição alegórica, com duas figuras femininas presas a correntes, que dois *putti* seguram próximos ao brasão português. A alegoria à esquerda remete à “América”. A figura feminina está caída e segura uma flecha. Seu olhar se dirige para uma cruz, que contém uma faixa com a frase “*Subegit gente’s*” [subjugou nações]. A outra figura, à direita, possui uma cauda e a cabeça como a de Medusa, em referência à heresia dos protestantes holandeses. A frase que acompanha a corrente diz “*Vicit hereses*” [venceu os hereges].

Em um novo cartucho, no canto inferior direito, um texto expressa que não se trata mais de divulgar os feitos da Companhia, mas relatar a sucessão de conquistas que as terras do Brasil sofreram. Elas foram primeiro conquistadas pelos portugueses, depois pelo “Império dos Reis Católicos” durante a União Ibérica, em seguida, houve a “usurpação” holandesa e, finalmente, a recuperação pelos portugueses, “por meio de vitórias ilustres”. Assim, um mapa originalmente elaborado para registrar a

⁴⁴ José Antônio Gonsalves de Mello. “A história de Frei Santa Teresa”. *Estudos Universitários*. Recife, 6, 3 (1966), pp. 33-34.

localização e a extensão das conquistas holandesas na América do Sul adquiriu, por meio dos cartuchos, um significado inverso, celebrando a retomada das terras pelos portugueses. A motivação inicial foi corrompida pelos elementos paratextuais, assim como ocorreu na cópia que Ruscelli realizou do mapa de Giacomo Gastaldi (Figuras 1 e 3).

Conclusão

Utilizando como fio condutor uma determinada forma de enquadrar ou emoldurar as terras do Brasil em mapas desde 1556 a 1698, este artigo explorou a relação entre diferentes práticas de cópia de mapas e a paratextualidade. Essas práticas — que incluem a tradução, a citação e a compilação — ajudam a compreender a cópia de mapas no interior da cultura geográfica e da cultura impressa da Época Moderna, permitem percorrer a historicidade dos mapas e aprofundar o entendimento de diferentes contextos a partir das modificações nas cópias. A comparação das modificações dos paratextos ao longo das sucessivas cópias indica, por um lado, que o diálogo — entre obra, leitores e suas relações sociais — tem novas demandas e, por outro lado, que as cópias podem atender a novas necessidades dos cartógrafos e de seus patronos.

No marco da prática da cópia, as análises da paratextualidade — entendida aqui como a capacidade de diferentes elementos de um documento de expressarem a relação com o contexto de produção — destacam aspectos que vão além do traçado geográfico, como as imagens dos habitantes, a existência potencial de vulcões ou de riquezas ou os relatos de eventos da conquista.

Nos mapas do Brasil selecionados para este estudo, a moldura não apenas protege o cartógrafo do enfrentamento com o desconhecido, como circunscreve e define o objeto. A partir do mapa-emblema de Ruscelli, passando pelos mapas murais, os mapas de notícias dos holandeses e a subversão de seus objetivos na obra de Santa Teresa, podemos acrescentar um novo sentido a esses mapas. Eles também integram o percurso rumo ao desenho de um “mapa-logo”. Benedict Anderson atribui um papel muito importante a esse tipo de mapa na configuração dos nacionalismos. O período sobre o qual me concentrei, até o final do século XVII, não me permite falar de nacionalismo, mas existem aspectos formais comuns, como o apagamento dos vizinhos e o esvaziamento do interior das terras.⁴⁵ O divórcio, isto é, a separação entre as terras do Brasil e as terras vizinhas, terá repercussões nas relações que o Brasil construiu — ou evitou construir — com outras nações da América do Sul. Sem avançar muito na cronologia e evitando considerar como dado o desenho do Brasil que conhecemos hoje, constata-se que a morfologia adotada por Gastaldi também teve um percurso significativo. Ela não se manteve como traçado geográfico da nação Brasil, mas outras pesquisas podem incluir essa moldura entre os aspectos que contribuíram para sua vocação atlântica e a ruptura em relação à América hispânica.

⁴⁵ Benedict Anderson. *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 236-245.

Lista de mapas citados

- BLAEU, Joan. *Brasilia: generis notilitate armerum et litterarum scientia prestant.mo Heroi*, 1665. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. 38,6 x 50 cm. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart170424/cart170424.jpg. Acesso em 20 de dezembro de 2025.
- BLAEU, Willem Janszoon *Novus Brasiliae Typus*. [1631?]. 38 x 49,1 cm. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart164712/cart164712.jpg. Acesso em 20 de dezembro de 2025.
- GASTALDI, Giacomo. "Brasil". In: RAMUSIO, Giovanni Battista. *Navigazioni et Viaggi*. Venetia, 1556. (p. 428r), 27,4 x 38 cm. Biblioteca da Universidade de Heidelberg. Disponível em: <https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/ramusio1556bd3/0936/image,info>. Acesso em 20 de dezembro de 2025.
- GASTALDI, Giacomo. "Brasil". In: RAMUSIO, Giovanni Battista. *Navigazioni et Viaggi*. Venetia: de 1565, em cores. Disponível em: https://cartografiahistorica.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=14&Itemid=99&idMapa=579. Acesso em 20 de dezembro de 2025.
- GASTALDI, Giacomo. *Il disegno della Geografia Moderna de Tutta la Provincia de la Italia*. Gravado por Fabio Licinio. Venetia, 1561. 76 x 54 cm. Biblioteca Nacional da França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55000119h?rk=901292;0>. Acesso em 20 de dezembro de 2025.
- GASTALDI, Giacomo. *Isola della Sicilia. Descrittione della Sicilia con le sue isole*, Venetia, 1545. 54 x 37,5 cm. Biblioteca Nacional da França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8494735d>. Acesso em 20 de dezembro de 2025.
- HOMEM, André. "Océan Atlantique Sud-Ouest". *Atlas Universa ac navigabilis*. 1559. Biblioteca Nacional da França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53074822h/f15.item>. Acesso em 20 de dezembro de 2025.
- HONDIUS, Willem. *Nova Totius Brasiliae et locorum a societate indiae occidentalis captorum descriptio*. 1635. 101,5 x 143,5 cm. Biblioteca Nacional da França. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40638892r>. Acesso em 20 de dezembro de 2025.
- JANSSON, Jan. *Accuratissima Brasiliae tabula*, c1633. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. 37,4 x 48 cm. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart164724/cart164724.jpg. Acesso em 20 de dezembro de 2025.
- LE TESTU, Guillaume. "Amérique / Terre du Brésil". *Cosmographie universelle, selon les navigateurs tant anciens que modernes*, 1555. 55 x 40 cm Biblioteca Nacional da França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8447838j/f96.item#>. Acesso em 20 de dezembro de 2025.
- ROTZ, Joan. *Boke of Idrography*, [1540-1542]. 52 x 30 cm. British Library – Royal MS 20 EIX.
- RUSCELLI, Girolamo. *Brasil Nuova Tavola*. Venetia, 1561. Disponível em: <https://mediacommons.unl.edu/luna/servlet/s/39ya1o>. Acesso em 20 de dezembro de 2025.
- RUSCELLI, Girolamo. *Brasil Nuova Tavola*. Venetia: Apresso Giordano Zilleti, 1574]. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. 18 x 25,5 cm. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart395874/cart395874.pdf. Acesso em 20 de dezembro de 2025.
- VELHO, Bartolomeu. *Atlas Portulano*, fl. 8 v. 1568. 33 x 44 cm. Huntington Library. Disponível em: <https://cdm16003.contentdm.oclc.org/digital/collection/p15150coll7/id/46328>. Acesso em 20 de dezembro de 2025.

VISSCHER, Claes Jansz. *De Stat Olinda de Pharnambuco*, 1630. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. 74,6 x 94,7 cm. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart170301/cart170301.jpg. Acesso em 20 de dezembro de 2025.

Referências

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BAUER, Ralph; MARROQUÍN ARREDONDO, Jaime. "1519: Conquista, Tradução e Descoberta na Ciência Moderna". In: KALIL, Luís Guilherme Assis; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira (orgs.). *1519 Circulação, conquistas e conexões na Primeira Modernidade*. Jundiaí: Paco Editorial, 2021, pp. 67-96.
- BLICK, Sarah. "Exceptions to Krautheimer's Theory of Copying". *Visual Resources: An International Journal of Documentation*, 20:2-3 (2011), pp. 123-142. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0197376042000207525>. Acesso em 20 de dezembro de 2025.
- BOON, Marcus. *In Praise of Copying*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2013.
- BUCHOTTE. *Les regles du dessein et du lavis, Pour les Plans particuliers des Ouvrages & de Bâtimens, & pour leurs Coupes, Profils, Elévations & Façades, tant de l'Architecture militaire que civile*. Paris: Chez Charles-Antoine Jombert, 1754.
- CANFORA, Luciano. *Il copista come autore*. Palermo: Sallerio Editore, 2002.
- CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. *Imagens de canibais e selvagens do Novo Mundo. Do maravilhoso medieval ao exótico colonial séculos XV-XVII*. Trad. Marcia Aguiar Coelho. São Paulo: Editora Unicamp, 2017.
- CLARKE, G. N. G. "Taking possession: the cartouche as cultural text in eighteenth-century American maps." *Word & Image: A Journal of Verbal/Visual Enquiry*, 4 (1988), pp. 455-474.
- COMPAGNON, Antoine. *La seconde main ou Le travail de la citation*. [1979]. Paris: Seuil, 2016.
- COSGROVE, Denis. "Introduction: Mapping Meaning". In: COSGROVE, Denis (ed.) *Mappings*. London: Reaktion Books, 2002, pp. 1-23.
- DAINVILLE, François. *Le langage des géographes. Termes, Signes, Couleurs des Cartes Anciennes 1500-1800*. Paris: Editions A. et J. Picard & Cie., 1964.
- "Discurso d'un gran capitano di mare francese del luogo di Dieppa sopra le navigazioni fatte all Terra Nuova dell'Indie occidentali, chiamata la Nuova Francia, da gradi 40 fino a gradi 47 sotto il polo artico, e sopra la terra del Brasil, Guinea, isola di San Lorenzo e quella di Summatra, fino alle quali hanno navigato le caravelle e navi francese". In: RAMUSIO, Giovanni Battista. *Navigazioni e Viaggi. A cura di Marica Milanese*. Einaudi Editore, vol. 6, 1988, pp. 911-926.
- DORÉ, Andréa. *Cartografia da promessa: Potosi e o Brasil em um continente chamado Peruana*. São Paulo: Intermeios, 2020.
- DORÉ, Andréa. "Dos estreitos de Malaca ao estreito de Magalhães: a viagem de Magalhães-Elcano na perspectiva asiática". In: ASSIS KALIL, Luís Guilherme; OLIVEIRA FERNANDES, Luiz Estevam (orgs.) *1519: circulação, conquistas e conexões na Primeira Modernidade*. Jundiaí: Paco Editorial, 2021, pp. 97-127.
- DORÉ, Andréa. "Antes de existir o Brasil. Planisfério de Cantino, 1502". In: DORÉ, Andréa; FURTADO, Junia (orgs.). *História do Brasil em 25 mapas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, pp. 18-32.
- DORÉ, Andréa. "Contiguidade e insularidade. Descrição de todo o Estado do Brasil, João Teixeira Albernaz I, c. 1626". In: DORÉ, Andréa; FURTADO, Junia (orgs.). *História do Brasil em 25 mapas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, pp. 33-47.
- DORÉ, Andréa. "La traducción de una ciudad: copias de Suaquem en la cartografía manuscrita portuguesa del Mar Rojo". *Espacio, Tiempo y Forma. Serie IV Historia Moderna* (2022), pp. 157-180. Disponível em: <https://doi.org/10.5944/etfiv.35.2022.34630>. Acesso em 20 de dezembro de 2025.

- DORÉ, Andréa. "La traversée de l'intérieur de l'Amérique du Sud: insularité, contiguïté et circulation". In: BÉNAT-TACHOT, Louise; JACQUELARD, Clotilde; ONETTO, Mauricio (eds.). *Lectures géopolitiques de la transversalité américaine: rôles et problématiques des passages aux XVIe et XVIIe siècles*. Paris: Sorbonne Lettres, Le Manuscrit, 2022, pp. 327-355.
- DORÉ, Andréa; ARAÚJO, André de Melo; HADDAD, Thomás A. S.; LIMA, Verônica Calsoni; LIMA, Luís Filipe Silvério. "Paratextos e Paratextualidade na Época Moderna: Limiares, Funções e Transformações". In: *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 33, 2025, pp. 1-35. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/1982-02672025v33e43>. Acesso em 13 de janeiro de 2026.
- DURO, Paul. "Introduction". In: DURO, Paul (ed.). *The Retic of the Frame. Essays on the Boundaries of the Artwork*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- DYM, Jordana; LOIS, Carla. "Bound images: maps, books, and reading in material and digital contexts". *Word & Image*, 37, 2, (2021), pp. 119-141. DOI: 10.1080/02666286.2020.1801262.
- EDNEY, Matthew. *Cartography. The Ideal and its history*. Chicago and London: University of Chicago Press, 2019.
- GANDAVO, Pero de Magalhães. *História da Província Santa Cruz [1576]*. Org. Ricardo Martins Valle. Introdução e notas: Clara C. Souza Santos e Ricardo Martins Valle. São Paulo: Hedra, 2008.
- GAUTIER, Henri. *L'art de laver ou Nouvelle maniere de peindre sur le papier*. A Lyon: Chez Thomas Amaulry, 1687.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- GIACOMELLI, Lisetta; SCANDONE, Roberto. "La fortuna dei dati sbagliati. Le eruzioni dei vulcani italiani rappresentate su mappe e affreschi". [2022]. Disponível em: <https://ingv.vulcani.com/2022/07/18/la-fortuna-dei-dati-sbagliati/>. Acesso em 20 de dezembro de 2025.
- GRAFTON, Anthony. *Inky fingers. The making of books in early modern Europe*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2020.
- GRANDE, Stefano. *La carte d'America di Giacomo Gastaldi. Contributo a la storia dela cartografia del secolo XVI*. Torino: Carlo Clausen, 1905.
- GROESEN, Michiel van. *Amsterdam's Atlantic. Print Culture and the Making of Dutch Brazil*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2017.
- HARLEY, John Brian. "The Map and the Development of the History of Cartography". In: HARLEY, John Brian; WOODWARD, David (eds.). *The History of Cartography, Vol. 1. Cartography in Prehistoric, Ancient, and Medieval Europe and the Mediterranean*. Chicago: University of Chicago Press, 1987, pp. 1-42.
- JACOB, Christian. *L'empire des cartes. Approche théorique de la cartographi à travers l'histoire*. Paris: Albin Michel, 1992.
- JEANNERET, Michel. "Chantiers de la Renaissance. Les variations de l'imprimé au XVI siècle". *Genesis*, 6, (1944).
- KANTOR, Iris. "Usos diplomáticos da ilha-Brasil: polêmicas cartográficas e historiográficas". *Varia Historia*, 23, 37 (2007), pp. 70-80.
- MACLEAN, Marie. "Pretexts and paratexts: the art of the peripheral". *New Library History*, 22 (1991), pp. 273-279.
- MELLO, José Antônio Gonsalves de. "A história de Frei Santa Teresa". *Estudos Universitários*, Recife, 6, 3 (1966), pp. 27-37.
- MILMAN, Miriam. "Une tentative de définition du trompe-l'oeil". In: CARLIER, Sylvie; GAVOILLE, Aurélie (sous la direction de.). *Le trompe l'oeil. De 1520 à nos jours*. Paris: 2024, pp. 28-63.
- MONTANUS, Arnoldus. *America being the latest, and most accurate description of the New World... Collected from most Authentick Authors, Augmented with later Observations, and Adorn'd with Maps and Sculptures by John Ogilby*. London: Printed by the Author, and are to be had at his house in White Fryers, 1671.
- NIETO OLARTE, Mauricio. *Las máquinas del império y el reino de Dios*. Bogotá: Universidad de los Andes, 2013.

- NUTI, Lucia. "The World Map as an Emblem: Abraham Ortelius and the Stoic Contemplation". *Imago Mundi*, 55 (2010), pp. 38-55.
- OKUNEVA, Olga. "Ensaio sobre o mapa "Brasil" de G. Gastaldi pertencente ao *Dele navigationi e viaggi* de G. B. Ramusio". *Terra Brasilis (Nova Série)*, 2 (2013), pp. 1-17.
- SALVADOR, Frei Vicente de. *História do Brasil 1500-1627 [1627]*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1982.
- SANTA TERESA, João José de. *Istoria delle guerre del Regno del Brasile accadute tra la corona di Portogallo, e la Republica di Olanda*. Roma: nella stamperia degl'Eredi del Corbelletti, 1698.
- SCHAIK, Anne-Rieke; VANNIEUWENHUYZE, Bram. "On the Threshold of an Old Map: A Paracartographic Approach to Joost Jansz Bilhamer's *Caerte van Noortholland*". *The Rijks Museum Bulletin*, 71, 3 (2023).
- STORMS, Martjn. "The siege of Bahia... or was it Sluis? Fake news from Brazil". In: VAN GROESEN, Michiel et al. (eds.). *Maps that Made History. 1000 Years of World History in 100 Maps*. Leiden: Univesiteit Leiden; Lannoo, 2022.
- SUTTON, Elizabeth A. *Capitalism and Cartography. In the Dutch Golden Age*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2015.
- TATSCH, Flavia Galli; GOMES, René Lommez. "De selvagens canibais a pacíficos comerciantes: a invenção da iconografia dos ameríndios na Europa renascente, 1492-1555". In: CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira; MARTINS, Maria Cristina Bohn (orgs.). *As Américas na Primeira Modernidade (1492-1750)*. Vol. 3. Vitória: Editora Milfontes, 2020, pp. 313-400.
- VAN DUZER, Chet. *Frames that Speak. Cartouches on Early Modern Maps*. Leiden: Brill, 2023.
- VAN DUZER, Chet. *Martin Waldseemueller's "Carta Marina" of 1516. Study and Transcription of the Long Legends*. SprinOpen, 2020.
- WOOD, Denis; FELS, John. *The Natures of Maps: Cartographic Constructions of the Natural World*. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.

Contribuição recebida em: 22 de agosto de 2025.

Aprovada em: 5 de outubro de 2025.